

Ao lado de Bolsonaro, as vivandeiras estão de volta

Desde 1985, a política esteve afastada dos quartéis. Mas o cenário mudou radicalmente nos últimos anos, com os movimentos para arregimentar os militares e "salvar" o país

Arthur Trindade M. Costa
21 de abril de 2020

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS



A depender da evolução da pandemia nas próximas semanas, governadores poderão precisar da ajuda das Forças Armadas para cumprir medidas de isolamento obrigatório

Certa vez, o Marechal Humberto Castello Branco disse que “*vivandeiras alvoroçadas, vêm aos bivaques bulir com os granadeiros e provocar extravagâncias do Poder Militar*”. Castello Branco se referia aos frequentes movimentos políticos que tentavam cooptar os militares e instrumentalizar o Exército. Como disse o antigo chefe militar, isso não era novidade, acontecia desde 1930. O fato é que as vivandeiras estão de volta.

No domingo, 19 de abril, Jair Bolsonaro mais uma vez juntou-se aos manifestantes que foram às ruas pedir intervenções no Supremo Tribunal Federal e no Congresso Nacional. O apoio de Bolsonaro é explícito e público. Mesmo que declare para os jornais que é favorável à democracia e respeita as instituições, Bolsonaro vai às redes sociais para apoiar os manifestantes.

O simbolismo militar nos protestos é evidente. Muitos manifestantes usam boinas e brevês das tropas paraquedistas. Possuem insígnias e lemas militares. A conexão simbólica com Bolsonaro é nítida. Vale lembrar que o ex-capitão se apropriou de um dos lemas da Brigada Paraquedista na sua campanha eleitoral: Brasil Acima de Tudo.

Protestar contra medidas adotadas pelos governantes é um dos direitos políticos fundamentais numa democracia. Mesmo que estes protestos sejam contra as vacinas. Nesse caso, só podemos lamentar e nos perguntar como chegamos a este nível de negação da ciência.

Entretanto, a exemplo das semanas anteriores, os protestos de domingo têm um aspecto diferenciador. Além de demandarem o fechamento do Congresso e do STF, os protestos têm contado com o apoio do Presidente da República. Obviamente isto é perigoso. Presidentes não podem atentar contra as instituições fundamentais da democracia.

O último presidente que subiu num palanque para apoiar manifestações políticas foi João Goulart. No dia 13 de março de 1964, Jango participou de um comício na Central do Brasil para pressionar o Congresso a aprovar as reformas de base. O comício não era contra as instituições. Naquele tempo, as vivandeiras estavam alvoroçadas. Havia grupos de direita e de esquerda que buscavam cooptar os militares e levar a política para dentro dos quartéis. Alguns buscaram uma cooptação por cima, tentando se aproximar dos comandantes militares. Outros tentaram cooptar por baixo, doutrinando as praças dentro dos quartéis. A ideia era dar uma formação política aos sargentos. A história nos mostrou que isso não acabou bem.

Desde 1985, na Nova República, a política esteve afastada dos quartéis. A vivandeiras embora existissem, não estavam alvoroçadas. No entanto, este cenário tem mudado radicalmente nos últimos anos. São cada vez mais frequentes os movimentos para arremessar os militares para salvar o Brasil. Diferente das décadas passadas, são cada vez mais comuns os debates políticos dentro das unidades militares.

Além da participação do presidente, as manifestações de domingo tiveram outro componente explosivo: elas ocorreram nas portas dos quartéis. Nada é mais simbólico do que Bolsonaro ter participado de um protesto no Setor Militar Urbano (SMU), em frente ao Quartel General do Exército. Bolsonaro, literalmente, foi participar de uma manifestação na porta do QG do Exército.

O Exército parece estar assistindo hoje o que as Polícias Militares têm vivenciado nas últimas décadas. As tentativas de instrumentalização política das polícias não são novidade. Lideranças políticas têm buscado promover greves e protestos de policiais militares para desestabilizar os governadores. O irônico é que ao invés de desmilitarizar as Polícias, como muitos insistem, podemos estar assistindo um processo inverso. A politização do Exército como ocorre nas polícias militares.

Por certo, isto está longe de ocorrer. Menos por vontade de Bolsonaro e seus aliados e mais pelos esforços dos comandantes militares. O que se assiste hoje é uma grande confusão entre os militares e o governo. Há os militares enquanto instituição, que estão na ativa e buscam seguir com cumprimento das missões. Há também os militares enquanto governo: além dos generais que fazem parte do ministério, há centenas de oficiais ocupando cargos na alta burocracia de Brasília. E há o presidente e as vivandeiras alvoroçadas.

Torço para que os comandantes militares consigam conter as tentativas de instrumentalização do Exército. Não seria nada bom para o país. O exemplo mais recente de cooptação política dos militares é o regime bolivariano implantado pelo Tenente Coronel Hugo Chaves e atualmente liderado por Nicolas Maduro.

Arthur Trindade M. Costa

Professor da Universidade de Brasília e conselheiro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

<https://backup.forumseguranca.org.br/tema-da-semana/template-1-tema-da-semana-5mxbj-qedcf-3e0ys-26r5h-am2ce-n2rut-o2ncc-uricu-r5hgi-nf6xx>

